

Vale do Arco-Íris

LUCY MAUD MONTGOMERY



Ciranda Cultural

Vale do Arco-Íris

LUCY MAUD MONTGOMERY



Ciranda Cultural

Vale do
Arco-Íris

LUCY MAUD MONTGOMERY



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original

Rainbow Valley

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Rafael Bonaldi

Preparação

Karoline Cussolim

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração de capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787v Montgomery, Lucy Maud	
Vale do Arco-Íris [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.	
272 p. ; ePUB ; 3,2 MB. - (Ciranda Jovem)	
Tradução de: Rainbow Valley	
Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-249-2 (Ebook)	
1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Bonaldi, Rafael. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.	
2020-1127	CDD 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida

por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

“Os pensamentos da juventude são pensamentos longos, muito longos.”

– Longfellow

À memória de Goldwin Lapp, Robert Brookes e Morley Shier que fizeram o sacrifício supremo de proteger os alegres vales de sua terra natal da profanação do invasor.



DE VOLTA AO LAR

Era uma tarde de maio clara, cor de maçã-verde, e o porto de Four Winds refletia as nuvens do ocaso dourado que escurecia em sua costa. Mesmo na primavera, o mar gemia com melancolia nos bancos de areia, no entanto, um vento astuto e jovial sibilava pela estrada vermelha do porto, onde a figura matronal da senhorita Cornelia se dirigia ao vilarejo de Glen St. Mary. Legitimamente, ela era a senhora Elliott há treze anos, desde que se casara com Marshall Elliott, mas era grande o número de pessoas que se referia a ela por senhorita Cornelia. Os velhos amigos eram apegados ao nome de solteira, e somente um deles parou de usá-lo, com desdém. Susan Baker, a fiel, grisalha e severa empregada da família Blythe, de Ingleside, nunca perdia a oportunidade de chamá-la de “senhora Marshall Elliott” com uma ênfase mordaz, como se dissesse, “já que queria tanto ser uma senhora, vai ser chamada de senhora, se depender de mim”.

A senhorita Cornelia estava indo até Ingleside para visitar o doutor Blythe e a esposa dele, que tinham acabado de voltar da Europa. Eles passaram três meses viajando, tendo partido em fevereiro para comparecer a um congresso médico famoso em Londres, e a senhorita Cornelia estava ansiosa para discutir certas coisas que haviam acontecido em Glen na ausência deles. Por exemplo, um novo ministro presbiteriano se mudara para o povoado. E que família! A senhorita Cornelia balançou a cabeça várias vezes conforme caminhava apressadamente.

Susan Baker e Anne Shirley a avistaram, sentadas na varanda de Ingleside, enquanto desfrutavam do charme do entardecer, da doçura do canto indolente dos pássaros na penumbra dos bordos e da dança de um grupo frenético de narcisos ao vento contra o velho muro de tijolos do jardim.

Anne estava sentada nos degraus, com as mãos unidas sobre o joelho, com o ar pueril que uma mãe de vários filhos tem o direito de ter; os lindos olhos verdes-acinzentados que fitavam a estrada do porto, mais do que nunca, exibiam uma centelha inextinguível e sonhos abundantes. Atrás dela, Rilla Blythe estava empoleirada no balanço, uma criaturinha rechonchuda de 6 anos, a mais jovem das crianças de Ingleside. Tinha cabelos cacheados ruivos e olhos castanhos que se encontravam firmemente fechados, formando pequenas rugas ao redor, do jeito engraçado que Rilla sempre dormiu.

Shirley, “o garotinho moreno”, como era conhecido pela família, dormia nos braços de Susan. Com cabelos e olhos castanhos e as bochechas muito rosadas, era o xodó dela. Depois de seu nascimento, Anne ficara muito doente por um bom tempo e Susan cuidou dele com uma ternura que nenhuma das outras crianças conseguiu despertar, por mais que também os adorasse. O doutor Blythe dizia que, se não fosse por ela, o menino não teria sobrevivido.

– Eu dei vida a ele tanto quanto você, querida senhora – dizia Susan. – Ele é tão filho meu quanto é seu. – E, de fato, era para ela que Shirley corria em busca de beijos quando se machucava, para ser ninado e para ser protegido das surras bem-merecidas. Susan estava ciente de que já tinha dado umas palmadas em todos os filhos dos Blythe quando achava que mereciam uma lição, mas nunca havia encostado um dedo em Shirley e tampouco permitia que a mãe dele o fizesse. Susan ficou furiosamente indignada certa vez em que o doutor Blythe castigou o menino.

– Aquele homem seria capaz de bater em um anjo, querida senhora, não tenha dúvidas – declarara amargamente, durante semanas ela se negou a preparar tortas para o pobre médico.

Susan levava o Shirley para a casa do irmão dela durante a ausência dos pais, enquanto as outras crianças tinham ido para Avonlea, onde passara três meses abençoados com o garoto só para ela. Contudo, estava muito feliz por estar de volta a Ingleside, cercada por todos os seus queridos. Ingleside era o seu mundo, onde ela reinava suprema. Mesmo Anne raramente questionava suas decisões, para o desgosto da senhora Rachel Lynde de Green Gables, que, sempre que visitava Four Winds, alertava Anne que ela estava deixando Susan mandar demais na casa, e que ainda se arrependeria.

– Lá vem a Cornelia Bryant, querida senhora – disse Susan. – Certamente vai descarregar três meses de fofocas nos nossos ouvidos.

– Assim espero – disse Anne, abraçando os joelhos. – Estou faminta pelas fofocas de Glen St. Mary, Susan. Espero que ela possa contar tudo que aconteceu durante nossa ausência, tudo: quem nasceu, ou se casou, ou se embebedou; quem morreu, ou foi embora, ou entrou em uma briga, ou perdeu uma vaca, ou encontrou um novo amor. É tão bom estar em casa novamente, com todos de Glen, e quero saber todas as novidades deles. Ora, lembro-me de caminhar pela abadia de Westminster e me perguntar com qual dos dois pretendentes Millicent Drew vai se casar. Sabe, Susan, tenho a terrível suspeita de que eu adoro fofocas.

– Bem, querida senhora, é evidente que toda mulher que se preze adora saber das novidades. Também estou muito interessada no caso da Millicent Drew. Nunca tive um pretendente, muito menos dois, e isso já não me incomoda, pois ser uma velha solteirona para de doer depois que você se acostuma. Eu sempre tenho a impressão de que a Millicent penteia os cabelos com uma vassoura. Contudo, os homens parecem não se importar com isso.

– Eles só veem aquele rostinho bonito, risonho e sedutor, Susan.

– Pode até ser, querida senhora. A Bíblia diz que a beleza é enganosa e a formosura passageira¹, só que eu não teria me importado em descobrir isso por conta própria, se essa fosse a vontade divina. Não tenho dúvidas de que

seremos todos belos quando formos anjos, porém de que isso nos servirá? Agora, por falar em fofoca, dizem que a pobre senhora Harrison, que mora no porto, tentou se enforcar na semana passada.

– Ah, Susan!

– Acalme-se, querida senhora. Ela não conseguiu. E eu não a culpo por ter tentado, o marido dela é um homem terrível. Mas foi tolice da parte dela tentar se matar e deixar o caminho limpo para que ele se case com outra mulher. Se eu estivesse no lugar dela, querida senhora, eu teria feito de tudo para que ele se enforcasse, ao invés de mim. Não que eu ache certo as pessoas tentarem se enforcar, em qualquer circunstância.

– Qual é o problema do Harrison Miller, afinal? – disse Anne, com impaciência. – Ela sempre leva as pessoas ao extremo.

– Bem, algumas pessoas chamam de religião e outras, de maldição, com o perdão da palavra, querida senhora. Parece que ninguém consegue decidir qual desses é o caso do Harrison. Há dias em que ele briga com todo mundo por achar que é predestinado à danação eterna. E há dias em que diz que nada mais importa e desata a beber. Sou da opinião de que ele não está bem da cabeça, já que é algo comum na família Miller. O avô dele perdeu completamente o juízo. Achava que estava rodeado por grandes aranhas negras. Elas andavam por todo corpo e flutuavam no ar ao redor dele. Espero nunca ficar louca, querida senhora, e não acho que ficarei, isso é raro entre os Baker. Se a Providência

Divina assim decretar, espero que minha insanidade não tome a forma de aranhas grandes e pretas porque eu abomino esses animais. Quanto à senhora Miller, não sei se ela realmente merece a nossa comiseração. Há quem diga que ela só se casou com Harrison para afrontar Richard Taylor, o que me parece um motivo muito peculiar para se casar. Mas enfim, é claro que não posso opinar em questões matrimoniais, querida senhora. Aí está Cornelia Bryant, no portão, vou colocar esse garotinho abençoado na cama e pegar a minha costura.

Referência ao Antigo Testamento, Provérbios 31:30: “Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada”. (N. T.)



PURA FOFOCA

– Onde estão as outras crianças? – perguntou a senhorita Cornelia, assim que os cumprimentos (cordiais da parte dela, entusiasmados da de Anne, e dignos da de Susan) terminaram.

– Shirley está dormindo e Jem, Walter e as gêmeas estão no adorado Vale do Arco-Íris – disse Anne. – Eles voltaram para casa esta tarde, sabe, e mal esperaram o jantar terminar para correr para lá. É o lugar que mais amam na Terra. Nem o pomar de bordos se compara.

– Receio que eles o amem demais – disse Susan com seriedade. – O pequeno Jem disse que preferiria ir para o Vale a ir para o Céu quando morresse, o que não foi um comentário adequado.

– Imagino que eles se divertiram em Avonlea, não? – disse a senhorita Cornelia.

– Bastante. Marilla os mima terrivelmente. Jem, em particular, nunca faz nada de errado aos olhos dela.

– A senhorita Cuthbert deve estar muito idosa agora – disse a senhorita Cornelia, tirando da bolsa sua costura, para não perder terreno para Susan. A senhorita Cornelia sempre acreditou que uma mulher com as mãos ocupadas tem vantagem sobre aquelas cujas mãos estão ociosas.

– Marilla está com 85 anos – disse Anne com um suspiro. – Os cabelos dela estão brancos como a neve. E por mais estranho que pareça, a visão dela está melhor do que aos 60.

– Bem, querida, estou muito feliz que esteja de volta. Estive me sentindo muito sozinha. Mas nós não ficamos entediados aqui em Glen, acredite em mim. No que diz respeito aos assuntos da igreja, nunca tive uma primavera tão agitada na minha vida. Finalmente temos um novo ministro, Anne.

– O reverendo John Cox Meredith, querida senhora – disse Susan, decidida a não deixar que a senhorita Cornelia contasse todas as novidades.

– Ele é agradável? – perguntou Anne com interesse.

A senhorita Cornelia suspirou, e Susan grunhiu.

– Sim, ele é muito agradável – disse a primeira. – Muito agradável. E muito culto. E muito espiritual. Só que... Ah, querida, ele não tem um pingão de bom senso!

– Então, por que vocês o escolheram?

– Bem, não há dúvidas de que ele é, de longe, o melhor pregador que já tivemos em Glen St. Mary – disse a senhorita Cornelia, mudando de assunto.

– Suponho que nunca tenha recebido um convite da cidade por ser tão sonhador e avoado. Seu sermão de teste foi simplesmente maravilhoso, acreditem em mim. Conquistou a todos, inclusive pela aparência.

– Ele é muito bem-apegoado, querida senhora, e para dizer a verdade, eu gosto de ver um homem bonito no púlpito – interveio Susan, achando que era hora de se afirmar novamente.

– Além disso – disse a senhorita Cornelia –, não víamos a hora de voltar a ter um ministro. E o senhor Meredith foi o primeiro candidato sobre o qual todos concordaram. Todo mundo teve alguma objeção com os outros. Cogitamos chamar o senhor Folsom. É um bom pregador, também, só que ninguém gostou da aparência dele. Era muito moreno e esguio.

– Parecia exatamente com um grande gato preto, acredite em mim, querida senhora – disse Susan. – Não conseguiria olhar para um homem como aquele no púlpito todos os domingos.

– Então vimos o sermão do senhor Rogers, que foi sem sal e nem açúcar –

continuou a senhorita Cornelia. – Mesmo que tivesse pregado como Pedro ou Paulo não teria feito diferença, pois foi nesse dia que uma ovelha do velho Caleb Ramsay entrou na igreja e gritou *bééé* quando ele tinha acabado de anunciar o texto. Todo mundo riu e o coitado do Rogers não teve a mínima chance depois disso. Algumas pessoas pensaram em chamar o senhor Stewart, pois ele é muito estudado. É capaz de ler o Novo Testamento em cinco idiomas.

– Não sei se isso o torna mais apto a entrar no céu do que os outros homens – interpôs Susan.

– Muitos não gostaram da forma como fez o sermão – disse a senhorita Cornelia, ignorando Susan. – Falava grunhindo, por assim dizer. E o senhor Arnett é incapaz de pregar. E ainda escolheu o pior texto possível na Bíblia para ler, “Amaldiçoi a Meroz²”.

– Sempre que não sabia como prosseguir, ele batia a Bíblia e gritava com violência “Amaldiçoi a Meroz”. O coitado do Meroz foi amargamente amaldiçoado, quem quer que tenha sido, querida senhora – disse Susan.

– O ministro que se candidata precisa escolher o texto com o máximo de cuidado possível – disse a senhorita Cornelia solenemente. – Acho que o senhor Pierson teria sido escolhido se tivesse usado um texto diferente para o sermão. Porém, quando anunciou “Elevo meus olhos para as colinas”, não teve mais chance. Todo mundo riu, pois é de conhecimento geral que aquelas duas senhoritas da família Hill³, que moram em Harbour Head arrastaram a asa para todos os ministros que colocaram os pés em Glen nos últimos quinze anos. Já o senhor Newman tem uma família muito numerosa.

– Ele se hospedou com o meu cunhado, o James Clow – disse Susan. – “Quantos filhos o senhor tem?”, perguntei. “Nove meninos e uma irmã para cada um deles”, respondeu. “Dezoito! Senhor, que família!”, eu disse e ele riu até. Não sei por que, querida senhora, mas acho que dezoito filhos são crianças demais para qualquer casa ministerial.

– Ele só tem dez filhos, Susan – explicou a senhorita Cornelia, com uma

paciência desdenhosa. – E dez crianças boas não seriam muito pior para a casa ministerial e a congregação do que os quatro que moram lá agora. Ainda que eu também não ache que são crianças ruins, querida Anne. Gosto deles, todo mundo gosta. É impossível não gostar deles. Seriam criaturinhas encantadoras se tivessem alguém para lhes ensinar bons modos e a diferença entre o certo e o errado. Por exemplo, na escola o professor diz que são crianças modelos. Só que em casa são simplesmente selvagens.

– E a senhora Meredith? – perguntou Anne.

– Não há uma senhora Meredith. É justamente esse o problema.

O senhor Meredith é viúvo. A esposa morreu há quatro anos. Provavelmente não o teríamos chamado se soubéssemos disso, pois um viúvo é muito pior em uma congregação do que um solteiro, porém como ele falou dos filhos, todos nós imaginamos que houvesse uma mãe. E quando chegaram, não havia ninguém além da velha tia Martha, que é como a chamam. Ela é prima da mãe do senhor Meredith, acredito eu, e ele a acolheu para salvá-la do albergue. Ela tem 75 anos, é meio cega, meio surda e muito ranzinza.

– E uma péssima cozinheira, querida senhora.

– A pior administradora possível para a casa ministerial – disse a senhorita Cornelia com aspereza. – O senhor Meredith não quer arranjar uma empregada para não ferir os sentimentos da tia Martha. Querida Anne, acredite em mim, a casa está em péssimas condições. Há uma camada de poeira sobre tudo, e nada nunca está no lugar. E pensar que pintamos e colocamos um lindo papel de parede antes de se mudarem!

– São quatro filhos? – perguntou Anne, que já tinha começado a cuidar deles em seu coração materno.

– Sim. Eles formam uma escadinha. Gerald é o mais velho, tem 12 anos, todos o chamam de Jerry e é um menino esperto. Faith tem 11.

É uma moleca, mas linda como um retrato, devo dizer.

– Parece um anjo, mas é um terror, querida senhora – declarou Susan. – Fui à casa paroquial semana passada, e a senhora Millison também. Ela levou

uma dúzia de ovos e um balde pequeno de leite... Um balde muito pequeno de leite, querida senhora. Faith os recolheu e os levou para o porão. Quando estava chegando ao final da escada, ela tropeçou e caiu, com os ovos e o leite. A senhora consegue imaginar o resultado. Só que a menina subiu dando risada, “não sei se sou eu mesma ou se virei uma torta de creme”. E a senhora James Millison ficou muito brava. Disse que não levaria mais nada para a casa ministerial se fossem desperdiçar e destruir tudo daquele jeito.

– Maria Millison nunca se deu ao trabalho de levar nada até a casa paroquial – comentou a senhorita Cornelia com descaso. – Ela foi lá naquela noite por pura curiosidade. A coitadinha da Faith está sempre se metendo em encrencas. É tão desatenta e impulsiva...

– Como eu. Vou gostar dessa tal de Faith – disse Anne decidida.

– É cheia de energia e eu gosto disso – admitiu Susan.

– Há algo fascinante nela – reconheceu a senhorita Cornelia. – Está sempre rindo e por algum motivo você também fica com vontade de rir. Ela não consegue manter a seriedade nem na igreja. Una tem 10 anos e é uma coisinha fofa, não é bonita, mas é um encanto. E Thomas Carlyle tem 9, eles o chamam de Carl, tem a mania de colecionar sapos, insetos e rãs e trazê-los para dentro de casa.

– Suponho que ele foi o responsável pelo rato morto sob a cadeira da sala de estar no dia em que a senhora Grant foi visitá-los. Ela ficou em choque – disse Susan –, e com razão, pois a sala da casa de um presbítero não é lugar para ratos mortos. Pode ser que o gato o tenha deixado lá. Ele parece ter o diabo no corpo, querida senhora. O gato de uma casa ministerial deveria pelo menos parecer respeitável, na minha opinião, mesmo que não seja verdade. Entretanto, nunca vi animal mais libertino: ele caminha pelas vigas do telhado da casa quase todas as tardes, balançando o rabo, o que eu acho que é impróprio.

– O pior é que nunca estão vestidos decentemente – suspirou a senhorita Cornelia. – E desde que a neve cessou, eles vão à escola descalços. Agora,

querida Anne, isso não é bem visto para os filhos de um ministro metodista, ainda mais quando a garotinha do ministro presbiteriano usa botas de abotoar tão bonitas. E eu gostaria que eles parassem de brincar no velho cemitério metodista.

– É muito tentador, já que fica bem ao lado da casa ministerial – disse Anne. – Sempre achei que cemitérios são lugares ótimos para se brincar.

– Ah, sei que não é verdade, querida senhora – disse a leal Susan, determinada a proteger Anne de si mesma. – Você tem bom senso e decoro.

– Por que eles construíram a casa ministerial ao lado do cemitério, para começo de conversa? – perguntou Anne. – O jardim é tão pequeno que não há lugar para brincarem, exceto no cemitério.

– Foi um erro – afirmou a senhorita Cornelia. – Eles conseguiram o terreno por uma pechincha. E os filhos dos outros ministros nunca brincaram lá. O senhor Meredith não deveria permitir isso, mas ele está sempre com o nariz enfiado em um livro em casa. Lê o tempo inteiro ou então caminha pelo escritório perdido em devaneios. Apesar de ainda não ter se esquecido de ir à igreja aos domingos, ele perdeu duas reuniões e em uma ocasião um dos anciões teve que ir até lá para lembrá-lo.

E ele se esqueceu do casamento da Fanny Cooper, tiveram que telefonar para ele, que foi correndo até lá do jeito que estava, de pantufa e tudo.

Eu não me surpreenderia se os metodistas o ridicularizassem. Porém, temos um consolo: eles não podem criticar os sermões dele. Ele desperta para a vida quando sobe no púlpito, acredite em mim. E dizem que o ministro metodista não sabe pregar. Graças a Deus, eu nunca o ouvi.

O desprezo da senhorita Cornelia pelos homens havia diminuído consideravelmente desde que se casara, contudo, os metodistas continuavam indignos de simpatia. Susan esboçou um sorriso de canto.

– Sabia, senhora Elliott, que os metodistas e os presbiterianos estão cogitando se unirem?

– Bem, espero que eu já esteja debaixo da terra se isso vir a acontecer – retrucou a senhorita Cornelia. – Jamais me envolverei com os metodistas e é melhor o senhor Meredith não se meter com eles, também. Ele é próximo demais deles, acredite em mim. Ora, ele compareceu ao jantar de comemoração das bodas de prata do Jacob Drew e acabou criando uma bela confusão.

– O que aconteceu?

– A senhora Drew pediu que ele cortasse o ganso assado, pois o Jacob Drew nunca soube fazer isso. Bem, o senhor Meredith pôs as mãos à obra e, durante o processo, derrubou a ave no colo da senhora Reese, que estava sentada ao lado dele. E ele meramente disse, com seu ar distraído: “Senhora Reese, poderia devolver o assado para a mesa, por obséquio?”. Ela o “devolveu” com toda a calma de Moisés, só que deve ter ficado furiosa, uma vez que estava usando o vestido novo de seda. O pior é que ela é metodista.

– Creio que seria pior se ela fosse presbiteriana – opinou Susan. – Se fosse esse o caso, ela provavelmente teria abandonado a igreja, e não podemos nos dar ao luxo de perder membros. Além do mais, a senhora Reese é famosa na própria igreja por ser arrogante, de forma que os metodistas devem ter ficado contentes pelo senhor Meredith ter arruinado o vestido dela.

– A questão é que ele passou por uma situação vergonhosa e, pessoalmente, não gosto de ver o meu ministro passando vergonha diante dos metodistas – disse a senhorita Cornelia categoricamente. – Se ele tivesse uma esposa, isso não teria acontecido.

– Não vejo como uma dúzia de esposas teria evitado que a senhora Drew matasse a gansa mais velha e dura para o jantar de bodas – rebateu Susan.

– Disseram que foi o marido dela – informou a senhorita Cornelia.

– Jacob Drew é um sujeito pretensioso, avaro e dominador.

– E dizem que ele e a esposa se detestam – o que não me parece o jeito certo de duas pessoas casadas conviverem. Mas, é claro, eu não tenho experiência nesse assunto – disse Susan, erguendo a cabeça.

– E não sou de colocar a culpa de tudo nos homens. A senhora Drew também é bastante miserável, ouvi dizer que a única doação que já fez na vida foi um pote de manteiga, feito com um creme onde um rato havia caído. Foi para um evento social da igreja e só descobriram sobre o rato depois.

– Felizmente, todas as pessoas que os Meredith ofenderam até agora são metodistas – disse a senhorita Cornelia. – Aquele tal de Jerry foi a um culto dos metodistas há uns quinze dias e sentou-se atrás do William Marsh, que se levantou para dar seu testemunho repleto de temíveis gemidos, como de costume. “Sente-se melhor?”, sussurrou Jerry quando William sentou-se. O pobre coitado tentou ser simpático, mas o senhor Marsh achou que ele estava sendo impertinente e ficou furioso. É óbvio que o Jerry não tinha nada que estar em um culto dos metodistas. Enfim, eles vão onde querem.

– Espero que não ofendam a senhora Alec Davis, de Harbour Head – disse Susan. – Ela é muito sensível, pelo que entendi, e muito bem de vida. É a pessoa que mais contribui para o salário do ministro. Ela supostamente comentou que as crianças da família Meredith são as mais malcriadas que já viu.

– Cada palavra que vocês dizem me convence mais e mais que os Meredith pertencem ao povo que conhece José⁴ – disse Anne de forma categórica.

– No fim das contas, eles são – admitiu a senhorita Cornelia. – E isso equilibra tudo. De qualquer forma, eles estão aqui, e temos que fazer o melhor possível para aceitá-los e ficarmos do lado deles contra os metodistas. Bem, é melhor eu ir andando. O Marshall foi até o outro lado do porto hoje e logo estará de volta, esperando pelo jantar, como é típico de um homem. Que pena que não pude ver as outras crianças. E onde está o doutor?

– Em Harbour Head. Chegamos há três dias e, nesse meio tempo, ele passou três horas na própria cama e fez duas refeições na própria casa.

– Bem, todo mundo que ficou doente nas últimas seis semanas estava à espera dele, e eu não os culpo. Quando aquele médico do outro lado do porto

casou-se com a filha do agente funerário de Lowbridge, todos acharam suspeito. Não causou uma boa impressão. Você e o doutor precisam me visitar em breve para nos contar tudo sobre a viagem. Suponho que se divertiram bastante.

– É verdade – concordou Anne. – Foi a realização de anos de sonhos. O Velho Mundo é muito lindo e maravilhoso. Mas nós voltamos muito satisfeitos com a nossa própria terra. O Canadá é o melhor país do mundo, senhorita Cornelia.

– Ninguém nunca duvidou disso – disse a senhorita Cornelia complacientemente.

– E a Ilha do Príncipe Eduardo é a província mais adorável e Four Winds o lugar mais encantador dela – riu Anne, admirando o esplendor do crepúsculo sobre Glen, o porto e o golfo. Ela acenou para ele. – Não vi nada mais deslumbrante do que essa vista na Europa, senhorita Cornelia. Você já vai? As crianças vão ficar tristes por não terem te visto.

– Pois que venham me visitar. Diga a eles que a lata de biscoitos está cheia como sempre.

– Oh, eles já estavam planejando uma visita durante o almoço. Irão sem falta, agora, eles precisam voltar para a escola. E as gêmeas vão começar aulas de música.

– Não com a esposa do ministro metodista, eu espero – disse a senhorita Cornelia com preocupação.

– Não, com a Rosemary West. Eu fui até lá para combinar as aulas com ela. Como é linda!

– O tempo foi generoso com a Rosemary. Ela não é mais tão jovem.

– É muito charmosa. Nunca fomos apresentadas, sabe. A casa dela fica muito longe e eu praticamente só a vejo na igreja.

– As pessoas sempre gostaram da Rosemary West, ainda que não a entendam – disse a senhorita Cornelia, sem notar a homenagem que estava prestando aos encantos da Rosemary. – A Ellen sempre a manteve na linha,

por assim dizer. É uma tirana, por mais que sempre a tenha mimado de várias formas. A Rosemary já foi noiva, sabe, de um tal de Martin Crawford, entretanto o barco dele naufragou nas Ilhas da Madalena e toda a tripulação morreu afogada. Rosemary era apenas uma criança, tinha só 17 anos e nunca mais foi a mesma depois disso. Ela e a Ellen se tornaram muito unidas depois da morte da mãe e não vão com muita frequência à própria igreja em Lowbridge, mas também sei que a Ellen prefere não frequentar a igreja presbiteriana. Ela nunca vai à metodista, isso eu tenho que elogiar. Os West sempre foram episcopais ferrenhos, as duas têm muito dinheiro, tanto que a Rosemary não precisa dar aulas de música, ela faz isso porque gosta. São parentes distantes da Leslie, sabia? Os Ford virão para o porto neste verão?

– Não. Eles vão viajar para o Japão e provavelmente ficarão fora por um ano. O novo livro de Owen terá uma ambientação nipônica. Será o primeiro verão que a velha e amada Casa dos Sonhos ficará vazia desde que nos mudamos.

– Creio que o Owen Ford encontraria muito sobre o que escrever no Canadá sem precisar arrastar a esposa e os filhos inocentes para aquele país pagão – resmungou a senhorita Cornelia. – *O Livro da Vida* foi a melhor obra que ele já escreveu e conseguiu o material bem aqui em Four Winds.

– O capitão Jim lhe deu a maior parte, você sabe disso. Que ele coletou pelo mundo inteiro. Mas eu adoro os livros do Owen.

– Ah, até que não são ruins. Faço questão de ler todos que ele escreve, muito embora eu acredite, querida Anne, que livros de ficção são uma perda de tempo pecaminosa. Vou escrever para ele e dizer o que penso sobre esta história de ir para o Japão, acredite em mim. Ele quer que Kenneth e Persis se tornem pagãos?

Com esse enigma sem resposta, a senhorita Cornelia foi embora. Susan subiu para colocar Rilla na cama e Anne sentou-se nos degraus da varanda sob as primeiras estrelas, sonhando incorrigivelmente como sempre fazia e redescobriu pela enésima vez o esplendor do nascer da lua sobre o porto de

Four Winds.

Referência ao Antigo Testamento, Juízes 5:23: “Amaldiçoi a Meroz, diz o anjo do Senhor, acremente amaldiçoi aos seus moradores; porquanto não vieram ao socorro do Senhor, ao socorro do Senhor com os valorosos”. (N. T.)

Hill significa “colina”, em inglês. (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento, Êxodo 1:8: “E levantou-se um novo rei sobre o Egito, que não conheceu a José”. (N. T.)



AS CRIANÇAS DE INGLESIDE

Durante o dia, as crianças de Ingleside amavam brincar em meio aos tons de verde-claro e os recantos do grande bosque de bordos entre a casa e o lago de Glen St. Mary, entretanto, para a diversão do fim do dia, não havia lugar melhor que o pequeno vale que ficava atrás do bosque. Era um reino mágico e fantástico para eles. Certa vez, ao olharem pela janela do sótão de Ingleside, através da névoa causada por uma tempestade de verão, eles avistaram um glorioso arco-íris sobre o lugar adorado. Uma das extremidades parecia mergulhar em um canto do lago que adentrava o vale.

– Vamos chamá-lo de Vale do Arco-Íris – disse Walter extasiado.

E assim ele foi chamado dali em diante.

Fora do vale, o vento podia soprar forte e barulhento. Ali, ele era sempre suave. Aqui e ali, pequenas sendas encantadas serpenteavam por entre as raízes dos abetos cobertas de musgo. Cerejeiras silvestres, que na florada ganhavam um branco etéreo se espalhavam pelo vale, misturando-se aos abetos escuros. Um pequeno riacho de águas âmbar o atravessava e corria em direção ao povoado de Glen. As casas da vila ficavam a uma distância confortável, a mais próxima era uma cabana em ruínas e deserta que ficava no extremo superior do vale, conhecida como “a velha casa dos Bailey”. Estava vazia há anos. Uma vala tomada pela grama a cercava, além de um jardim ancestral onde as crianças de Ingleside encontravam violetas, margaridas e lírios nas épocas certas. De resto, o

jardim estava tomado pela alcarávia que se agitava sob o luar das noites de verão como um mar prateado.

Ao Sul encontrava-se o lago e, mais além, o horizonte perdia-se nas florestas púrpuras, exceto em uma colina alta, onde uma casa velha, cinzenta e solitária observava Glen e o porto. Havia algo de selvagem e ermo no Vale do Arco-Íris, apesar da proximidade com o vilarejo, que fascinava as crianças.

O vale era repleto de recôncavos acolhedores e aconchegantes. O maior deles era o lugar favorito delas para brincar, e era ali que estavam reunidas naquela tarde em particular. Havia um aglomerado de abetos jovens com um minúsculo céspede no centro que se abria para a margem do rio, onde crescia uma bétula prateada incrivelmente reta que o Walter havia batizado de “A Dama de Branco”. Naquela clareira havia também as “Árvores Enamoradas”, que era como o Walter chamava o abeto e o bordo que cresciam tão próximos um do outro que seus galhos se tornaram inexoravelmente entrelaçados. Jem pendurara nelas velhos sinos de trenós que o ferreiro de Glen havia lhe dado, e cada brisa que os visitava produzia tilintares súbitos.

– Como é bom estar de volta! – disse Nan. – Afinal, nenhum dos lugares de Avonlea se compara ao Vale do Arco-Íris.

Apesar disso, eles adoravam Avonlea, uma visita a Green Gables era sempre um grande deleite e a tia Marilla gostava muito deles, assim como a senhora Rachel Lynde, que passava o tempo livre da velhice costurando colchas de algodão para o dia que as filhas de Anne precisassem de um enxoval. Havia também ótimos colegas de brincadeiras por lá, como os filhos do “tio” Davy e da “tia” Diana. Eles conheciam todos os lugares que a mãe deles amara tanto na infância: a longa Travessa dos Amantes, que ficava ladeada por flores na época das rosas silvestres; o Jardim Imaculado, com seus salgueiros e álamos; a Bolha da Dríade, reluzente e adorável como sempre; o Lago das Águas Brilhantes e

Willowmere. As gêmeas ficavam com o quarto antigo da mãe e a tia Marilla costumava entrar de mansinho no meio da noite, quando achava que estavam adormecidos, para admirá-los, porém todos sabiam que Jem era o favorito dela.

Naquele momento, Jem estava ocupado fritando pequenas trutas que havia acabado de pescar no lago. O fogo consistia em um círculo de pedras vermelhas com uma chama acesa no centro e os utensílios eram uma velha lata amassada e um garfo com apenas um dente restante. Mesmo assim, refeições deliciosas já tinham sido preparadas ali.

Jem era filho da Casa dos Sonhos, pois todos os outros tinham nascido em Ingleside. Ele tinha cabelos ruivos cacheados, como os da mãe, e olhos castanhos francos, como os do pai; o nariz era fino como o da mãe, e a boca firme e simpática como a do pai. E era o único da família cujas orelhas eram bonitas o bastante para agradar a Susan, com quem brigava constantemente por ela insistir em chamá-lo de pequeno Jem. Era um absurdo, pensava o menino de 14 anos de idade. A mamãe tinha mais bom senso.

– Não sou mais pequeno, mãe – exclamara, indignado, no aniversário de 8 anos. – Já sou bem grande.

A mãe suspirou e riu, e então suspirou novamente. Ela nunca mais o chamou de pequeno Jem, não perto dele, pelo menos.

Ele era e sempre fora um rapazinho corajoso e confiável, pois nunca quebrava uma promessa. Não falava muito. Os professores não o consideravam brilhante, mas era um bom aluno. Ele nunca acreditava nas coisas como eram apresentadas, preferindo sempre investigar a veracidade dos fatos por conta própria. Certa vez, Susan falou que se ele colocasse a língua em um ferrolho congelado pelo frio, a pele dele grudaria e se rasgaria. E foi o que Jem prontamente fez, “só para ver se era verdade”. Ele descobriu que “era mesmo”, ao custo de uma língua que ficou dolorida por vários dias. Jem não se importava com o sofrimento em nome da ciência, todavia. Ele aprendera um monte de coisas por meio da

experimentação e da observação constantes, e seus irmãos achavam seu vasto conhecimento do mundinho deles impressionante. Jem sabia onde encontrar as primeiras e mais suculentas frutinhas da estação, onde as primeiras violetas despertavam timidamente da hibernação de inverno, e quantos ovos azul-turquesa havia nos ninhos dos tordos no pomar. Ele podia prever o futuro arrancando as pétalas de uma margarida, sugar o mel dos trevos vermelhos e identificar uma variedade de raízes comestíveis na margem do lago, para o desespero diário de Susan, que temia que todos fossem acabar envenenados. Ele sabia onde encontrar a melhor goma dos abetos (nos nós de um âmbar claro com a casca coberta de líquen), as árvores mais fartas de nozes na mata nos arredores de Harbour Head e os melhores pontos para pescar trutas no riacho. Era capaz de imitar o canto de qualquer pássaro ou animal em Four Winds e de encontrar qualquer flor silvestre da primavera ao outono.

Walter Blythe estava sentado sob a Dama de Branco, com um volume de poemas aberto ao lado, mas sem lê-lo. Com o êxtase resplandecendo nos grandes olhos, ele contemplava os salgueiros envoltos por uma névoa esmeralda nas margens do lago e as nuvens que atravessavam o céu sob o Vale do Arco-Íris, como um rebanho de carneiros pastoreado pelo vento. Os olhos de Walter eram maravilhosos. Toda a alegria, as tristezas, as risadas, a lealdade e as aspirações das muitas gerações a sete palmos projetavam-se de suas profundezas acinzentadas.

Walter era a “ovelha negra da família” no quesito aparência, pois ele não se assemelhava a nenhum parente conhecido. Era provavelmente a criança mais bonita de Ingleside, com os cabelos pretos lisos e os traços finamente cinzelados. O menino havia herdado da mãe a imaginação vívida e a paixão pela beleza. A geada do inverno, a instigação da primavera, os sonhos de verão e o glamour do outono, tudo isso significava muito para o Walter.

Na escola, onde Jem era o mandachuva e Walter não era benquisto, era considerado “afeminado” e fracote por nunca se meter em brigas e raramente

praticar esportes, preferindo se isolar em um canto e ler livros, especialmente os de “puisía”. Walter amava os poetas e se debruçava sobre os versos desde que aprendera a ler. A música deles estava embrenhada na alma em formação do garoto, a música dos imortais. Walter nutria a ambição de tornar-se um poeta algum dia, o que não era impossível. Um tal de tio Paul, chamado assim por cortesia, que vivia em uma terra misteriosa chamada “Os Estados Unidos” era o modelo de Walter. Ele estudou em Avonlea quando criança e agora sua poesia era lida no mundo inteiro. Os garotos da escola de Avonlea não conheciam os sonhos de Walter e tampouco ficariam impressionados se soubessem. Apesar da falta de atributos físicos, ele inspirava certo respeito graças à capacidade de “falar como nos livros”. Ele “soava como um pregador”, como dissera um garoto e por isso não era importunado e nem perseguido na maior parte do tempo, o que acontecia com os garotos suspeitos de não gostarem ou temerem brigas.

As gêmeas de Ingleside violavam a tradição dos gêmeos ao não se parecerem nada. Anne, que costumava ser chamada de Nan, era muito linda, com olhos castanhos e cabelos sedosos da mesma cor. Era uma daminha muito alegre, delicada e alegre⁵ de nome e por natureza, como dissera um dos professores. Sua pele era impecável, para o orgulho da mãe.

– Fico feliz em ter uma filha que pode usar rosa – dizia a senhora Blythe, jubilosa.

Diana Blythe, conhecida como Di, era parecida com a mãe, tinha olhos verdes acinzentados, que sempre brilhavam com um fulgor peculiar ao anoitecer, e cabelos ruivos, talvez fosse por isso que ela era a favorita do pai. Walter e ela eram melhores amigos, pois era a única para quem o menino lia os versos que escrevia, a única que sabia que ele secretamente trabalhava com ardor em um poema épico, que se assemelhava muito a *Marmion*⁶ em certos aspectos. Di guardava os segredos dele, inclusive de Nan, e lhe contava todos os seus.

– Os peixes vão demorar muito, Jem? – disse Nan, erguendo o delicado nariz. – O cheiro está me deixando com muita fome.

– Estão quase prontos – disse Jem, virando um com destreza.

– Peguem o pão e os pratos, garotas. Walter, acorde.

– Como o ar cintila esta noite – disse Walter, sonhador. Não que desprezasse trutas fritas, mas, para ele, o alimento da alma vinha em primeiro lugar. – O anjo das flores veio passear pelo mundo hoje, chamando-as. Posso ver suas asas azuis naquela colina, perto da floresta.

– Os anjos que eu já vi sempre tinham asas brancas – comentou Nan.

– As do anjo das flores são diferentes. Elas possuem um azul-claro etéreo, como a névoa no vale. Ah, como eu gostaria de poder voar. Deve ser glorioso.

– Às vezes é possível voar nos sonhos – falou Di.

– Nunca sonhei que voava, exatamente – disse Walter. – Mas com frequência sonho que meus pés deixam o chão e eu flutuo sobre as cercas e as árvores. É incrível, e eu sempre penso, “eu não estou sonhando desta vez. Agora é de verdade” e então eu acordo. É desolador.

– Ande logo, Nan – ordenou Jem.

Nan pegou a tábua do banquete, tábua de madeira onde banquetes literais e simbólicos, repletos de iguarias encontradas em nenhum outro lugar, já tinham sido celebrados no Vale do Arco-Íris. Ela se transformava em uma mesa ao ser posta sobre duas grandes pedras cobertas de musgo. Jornais serviam de toalha, pratos trincados e xícaras sem asas descartadas pela Susan faziam as vezes da louça. De uma lata escondida entre as raízes de um abeto, Nan tirou o pão e o sal. O córrego provia uma “cerveja de Adão” de pureza inigualável. Ademais, havia um certo tempero, composto pelo ar fresco e o apetite da juventude, que dava a tudo um sabor divino. Sentar-se no Vale do Arco-Íris, mergulhado nos tons de ouro e ametista do ocaso, perfumado pelo aroma dos abetos e de todas as coisas que cresciam nas matas no primor da primavera, em meio às estrelas brancas da floração dos morangos silvestres, o

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vale do Arco-Íris"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).